



A 22° 25' 55'' S – 43° 7' 4'' W

Carlos Eduardo Felix da Costa

cabana estações solidão

Este artigo apresenta fragmentos do Projeto Estações, a apropriação de uma parcela de terreno localizado na região serrana do Rio de Janeiro em que um pequeno ateliê-moradia de madeira foi erguido para o desenvolvimento de reflexões de uma episteme sobre as permeabilidades entre arte e vida.

Estações

Durante 12 meses vivi numa cabana. Fui a sentinela de um horizonte que inaugurei. Um ano após minha saída ainda é difícil oferecer alguma descrição, algum fechamento da experiência. Minha memória apaga aos poucos os ensinamentos. Este artigo apresenta uma fração do que constituiu o Projeto Estações. Detenho-me em reproduzir reflexões geradas durante o Verão, meses que antecederam o término do trabalho e em que atuavam, simultaneamente, ansiedade e já nostalgia. Tentativa de enquadrar não o que ficou oculto pelas sombras, mas aquilo que a luz dura, contrastada e excessiva da estação cegou. Aqui, não faço mais do que partilhar minhas perplexidades.

Estações foi a apropriação poética de uma pequena extensão de terra cedida para abrigar um casebre. Uma habitação cosmológica direcionada à aventura criadora sem limites e aos gestos infindos oriundos do contato com o mundo. Possuiu dimensões de 5 metros de comprimento por 2,5 metros de largura, e esteve apoiada sobre uma plataforma que a elevava 2,3 metros do solo. Sua construção consumiu 45 dias e seis meses de elaboração. O período de permanência em seu interior iniciou-se no dia 21 de junho de 2012, durante a primeira noite do inverno; e estendeu-se até 20 de março de 2013, coincidindo com o término do verão. Residi solitariamente. Há situações em que enxergamos mal quando não estamos sozinhos para sonhar.

A 22° 25' 55'' S – 43° 7' 4'' W | This article addresses fragments of the Seasons Project, appropriation of a plot of land in the highlands of Rio de Janeiro, where a small wooden studio-home was built to contemplate on reflections of an episteme on the permeabilities between art and life. | cabin seasons solitude

A morada localizou-se na região serrana do Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis, e repousa da sobre o primeiro platô de um monte. Abaixo estendia-se um enorme vale de onde era possível contemplar toda a cadeia rochosa que circunda a região. Um ponto de vista privilegiado, sob o qual atravessei fantasias, medos e experiências sublimes. Durante esse tempo meu telhado foi celeste e convivi com movimentos e ciclos da Natureza. Uma fina película separou-me das intempéries e deixei-me atravessar pelos quatro ventos. Necessitava expor-me a eles para saber do que sou feito. Sob essas influências fui impelido à poesia e à profanação. Mantendo-me numa área de ambiguidade que preserva intacto pouco daquilo que toca. Ao final, a aceitação de que convivemos na intimidade com um ser estranho que nos conduz na direção do impessoal, e com quem travamos uma prática mística cotidiana de aproximação e afastamento sem a qual não seria possível a criação.

O artifício do uso dos ciclos do ano como condutores da narrativa não foi a única estação sugerida. As estâncias de repouso que precisam ser feitas para o corpo e para a alma durante uma longa peregrinação também. As estações espirituais iniciatórias do aprendiz até a luz. As paradas de um trem, que oferecem aos passageiros a oportunidade de saltar investidos de outras identidades. As fases de um inseto, da pupa subterrânea ao voo. Por tratar-se de uma viagem incerta, as escalas foram multiplicadas, e um arquipélago foi explorado com dedicação e aventura inabaláveis. Sem saber se um dia se unirão, ou se estão em afastamento, mas que julgo terem litorais complementares. Escrutinei cada centímetro cúbico de minha fragmentada alma tão profundamente, até encontrar diamantes escondidos de mesmo brilho das estrelas que zelam meu sono. Fui marujo e minerador, com os

pés cravados na terra, ao mesmo tempo que com vela e sonhos apontados para os céus. Buscando as resultantes desse inesperado encontro; tanto os mapas traçados de derivas celestes, como os atributos divinos forjados de ganga mineral informe. Por todas essas estações essa viagem deve ser reconhecida.

Verão

(...) É o meio-dia desta jornada. A partir daqui desejo escrever com o idioma construído em parceria com este local. Mesmo conhecendo os limites deste recurso, mesmo conhecendo os limites de um vocabulário que apenas balbucio, e apenas eu, ainda mais ninguém. Mas é preciso tensionar o limite do impronunciável, do indizível, do incommunicável e, em meio a essa nuvem de entropia, vislumbrar zonas de aglutinação, que tendem para a ordem e nos oferecem algum desenho, alguma perspectiva. Cristalizações resgatáveis em meio a labaredas. O apaziguamento temporário do artista advém do movimento equilibrado destas duas imagens multiplicadoras, porém opostas; da precisão facetada do cristal e da atração sem contornos da chama forjadora. Quando há a conjugação de ambas, conceitos surgem, enunciados desvelam-se, linguagem ocorre.

A maior parte do tempo a inquietação nos é constitutiva, não cala, e há poucos meios de tranquilizá-la, a não ser seguir trabalhando. Mas nesta morada tenho desfrutado de algum equilíbrio. Conseguindo aos poucos perceber que transformações atuaram em mim: com o delírio aprendi a ser um criador mais cósmico; com o isolamento solitário, o inestimável valor da supervisão (não se adentram cavernas desacompanhado); com os elementos, a audição do silêncio do pensamento no exercício lento de uma introspecção. Desejaria minha permanência aqui por mais tempo, para

continuar meu aprendizado. Mas isso não é possível em nenhum nível. Este projeto foi concebido para ter início, meio e fim. Para que durante seu processo fosse até capaz de superar esse abrigo, incorporando suas forças tão intimamente, que já não necessitaria da fisicalidade do local. Seu estado me coabitará onde quer que eu me encontre. Porém reconheço que há uma tendência em nós a retornar ao estado em que as coisas estavam. Transformando profundos aprendizados em vagas lembranças, em memórias saudosas de um período doce. Mas espero que desmontar esta cabana cause um trauma tão intenso, que deixe marcas permanentes em minha carne. Talvez assim o ensinamento se fixe. Terei que descer pela trilha tudo o que subiu – livros, cama, panelas, cobertor. Não será nada fácil. Desencaixar cada ripa de madeira até que o terreno esteja vazio. Ao mesmo tempo sinto que devo isso ao lugar. Deixá-lo novamente como o encontrei. Deixar que ele de mim se esqueça.

Não sei que tipo de homem saio, mas saio sabendo que nunca vivi tão intensamente sob uma atmosfera. Dei latitude à minha imaginação para me libertar um pouco da ocularidade e dar respeito àquilo que não pode ser visto. “Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as ‘visibilidades’.”¹ Este pequeno cômodo, esta pequena câmara, conheceu esse esforço. As paredes respiraram comigo, suaram e choraram em harmonia com meu corpo. Também eu sofri por elas, assistindo aos estalos, rachaduras e empenos que o tempo lhes impôs. Ganham calosidades, amadureceram e também extrapolaram os limites permitidos por seus materiais. Mas é hora de calcular cuidadosamente minha estratégia de fuga, tensionando meu arco interior com precisão para lançar-me flecha e sumir no horizonte.

Aérea e justa como *Maat*, a egípcia pluma com que se afere sobre a balança o peso das almas.

Este estado de leveza necessita ser mantido até o fim, para poder *ser-sair* cabana. Ser o andarilho sem saudade que tanto prezo. Sair com o abandono do peso do mundo que vim procurar. Perseu, ao tocar as águas do mar com a cabeça da Medusa, que tudo transformava em pedra maciça, provocou o nascimento de Pégaso, o cavalo alado fluido como o vento, e a precipitação dos corais, que enfeitam a cabeça das musas. Como uma criatura tão veloz e extraordinária, e adornos dignos dos cachos das semideusas, puderam nascer do sangue da Górgona? Porque de certa maneira essa é a dicotomia da vida. Quando houver pouca mobilidade, abuso de cristalização, é preciso olhar indiretamente para o problema e extirpá-lo, devolvendo assim a vida, a agilidade e o espaço para o nascimento do novo. Tenho plena consciência de que a entrada neste enredo simplificado de mundo foi com essa intenção. Senti necessidade de desmontar meu aparato técnico e profissional, pois precisava recuperar a capacidade de perceber que a criação está além das estruturas que almejamos tanto solidificar em busca de segurança, mas que acabam nos aprisionando e gerando dependência. É fundamental estar sempre depurando nossas moradas interior e exterior, livrando-as da enorme influência do acúmulo desnecessário a que estamos expostos. Como Thoreau preferiu:

*Fui para a floresta, porque desejava ter total controle sobre minha existência e escolhi me defrontar com os fatos essenciais da vida e ver se aprendia o que eles tinham a me ensinar, em vez de, quando viesse a morrer, terminar descobrindo que não tinha vivido. Não queria viver o que não era a vida. Viver é tão maravilhoso; e eu nem pretendia praticar a resignação.*²



Vista Oeste I, Projeto "Estações", 2012/2013

Subi para confrontar a realidade com as mãos nuas. Servindo-me delas desejei ganhar o mundo, e assim ganhar a mim próprio. E percebo que devo descer também de mãos vazias. Fugir da tentação de transformar esse retorno num calvário, instituindo de gravidade tudo outra vez. Como

se estivesse abandonando um paraíso particular. Sim, esse foi um pequeno paraíso, mas não por ter sido um jardim de gozos e fugas; pelo contrário, por ter-me confrontado profundamente com minha consciência, com medos, angústias, e perceber que muitos deles não passam de fan-

tasias, que me imobilizavam voluntariamente. Acredito que dominei minha Medusa e não preciso mais acreditar em sua hipnose, estou pronto para o *encontro com o outro*. Encontrá-lo, amá-lo, perdê-lo, e ficar apenas com o que moveu adiante. Sem mágoas e sem rancores. Confirmação dessa conquista, se vier, só quando totalmente do lado de fora. Mas também não esconderei que vivo a melancolia profunda de uma tristeza que se tornou leve.

Ao passar praticamente um ano no mesmo lugar, limitado e limitando meus movimentos, entrei em contato com os arquétipos da vigília e da especulação bruta. Minha imaginação flanou pelo vale ao meu redor, habitou galhos de árvores, soprou-se ao vento, ganhou contornos irracionais. Essa ampliação de sentidos era a filtragem pela morada de forças cósmicas que a atravessavam e tornavam-me cada vez mais um ser de sensações, turbilhonado por minha cabana exógena. O estabelecimento dessa nova consciência era a expressividade de forças ricas em movimentos telúricos, que após meus primeiros meses de imersão atingira um patamar de eclosão. Havia alcançado tudo o que é necessário para fazer arte, bastando apenas, como propõe Deleuze, a louca agitação de uma vassoura de bruxa. Um atravessamento *desterritorializante* para gerar os ritornelos entre Homem e Universo.

Para tanto, foi necessário assumir o devir animal sem medo, recuperando uma abordagem de mundo instintiva, tolerante a manobras excêntricas, posturas nômades e a relação direta com materiais, substâncias e energias que atuam de modo subliminar ao nosso redor. Foi necessário reequilibrar o que é apreendido pela racionalidade com aquilo que apenas o faro retém, criando uma espreita sofisticada, rica, complexa, inundada de tantos odores a ponto de torná-la incerta novamente. Obser-

ve as orelhas de qualquer animal, nunca estão à vontade. Francis Alÿs, em *The Nightwatch* (2004), tranca uma raposa em algumas salas da National Portrait Gallery por uma noite e, pelas câmeras de segurança, a filma tentando achar uma saída. Estima-se que há mais de 2.000 raposas vivendo em Londres, completamente invisíveis à população da metrópole. Alÿs metaforiza o artista através do animal, sendo o criador mais um marginal vivendo incógnito num lugar que não o aceita completamente, mas que também depende de sua existência para ressignificá-lo, para atrapalhar o excessivo estriamento e devolver um pouco de lisura à sua grade. Se esse é o lugar que nos cabe, o assumamos então. Aceitemos nossa condição de espreitadores e a usemos para reconhecer que não estamos sozinhos, que partilhamos, que coabitamos ao lado de outros animais com quem devemos gerar zonas de interseções. Nossa caça é para proporcionar encontros, aproximar o pensamento do não pensamento, constituir e abandonar territórios, não predar. Sou um indivíduo cidadão, que recuperou algo de sua inumanidade. Um cão que aprendeu novos truques com as raposas.

Muitos desses estímulos surgiram através do contato direto com a vida animal circundante. A seguir reproduzo vestígios de escritas sobre o aprendizado oferecido pelos insetos.

(...) Esta é a temporada das cigarras. Após passarem um ou dois anos como ninfa sob as raízes de árvores, rompem a terra e solfejam até que a vida se esvazie de seus corpos. Numa noite de lua muito intensa pude ajudar o nascimento de uma, revolvendo delicadamente a terra para facilitar sua saída. Soprei suas asas até secarem e dei-lhe o primeiro impulso para o voo. Em seus ouvidos sussurrei a nota que deveria repetir para dançar com sua amante ainda desconhecida. Bastou re-

petir seu próprio nome, rebatizá-la de como já é chamada: CIIIGARRA. Ela entendeu no mesmo instante como cantaria. Fiz tudo isso porque o calor desta estação permite estar-se do lado de fora iluminado pelo sol da meia-noite. Fui a parteira de uma fada. Porém aqui existem muitos zunidos. A temperatura ainda mais elevada do que da primavera, que pensava já ter despertado as antenas de meus amigos insetos, agora alcançou o ponto de pentear de brilho as longas patas da tarântula.

Vivo praticamente dentro de uma colmeia. Mas o que isso significa? O que posso aprender com a dinâmica dessas criaturas? Tenho a certeza de que um inseto não tem tempo a perder. Só essa ideia de existência breve e atarefada já me enche de urgência para aproveitar ao máximo meu dia e pontuar ritmicamente minhas atividades. Ao despertar estou lento e repousado como uma larva incubada. Nesse período cultivo a contemplação e demoro-me cuidadosamente em cada assunto. É quando limpo a casa e me debruço sobre as leituras de trabalho. Com o avançar das horas, o besouro me mostra que é o momento de usar a força e rolar o desenvolvimento de minhas ideias com determinação, mas tranquilamente ainda. Com o dia acalorado, meu faro aumenta e minhas curiosidades são aguçadas. Torno-me agitado como uma varejeira. A escrita e as oficinas artísticas ganham campo, assim como o cuidado com o corpo. No entanto, é também quando há mais dispersão e intemperividade. Após tanto frenesi vem o cansaço, e só é possível flunar com o voo desinteressado da mariposa. Ou dou continuidade desacelerada ao que fazia, ou saio para caminhar. Esse ciclo constituiu-se naturalmente, sem artificialidade. Creio que esse mesmo padrão ocorreu com o ano. No outono teci o casulo da casa e me preparei para permanecer. No inverno resisti e empurrei minha introspecção, tentando

entender como o lugar se desdobraria dentro de mim. Na primavera veio o ápice de energia e de troca com o meio. Na última estação, o momento de tentar repercutir, avaliar o percurso pelo estágio final de uma criatura transmutada, que comunica com suas cores e guia-se pela discreta luz noturna.

Continuemos com a determinação. Há um pouco de burrice destemida que aprecio nos pernilongos. Podem morrer, mas não se intimidam diante de um descomunal adversário para conseguir alimento. São tão insistentes que às vezes é mais fácil aceitar uma picada do que seguir abanando-os. Um voo insensato, mas também tragicamente heroico. Quantas vezes não agimos assim durante a criação. Contradizendo as prerrogativas e lançando-nos ao caos. Se soubéssemos o tamanho da imprudência, do desvario, não o faríamos. Mas não resistimos ao chamamento e, ao final, ainda conseguimos retornar acreditando que o descuido compensou.

Habitar apenas a superfície não é mais possível. É preciso estar nos extremos. Ir fundo, arriscar-se, voltar do mergulho com o coágulo de sangue atrás da retina. Depois de descer, fazer um lançamento para o alto com a exatidão e a velocidade do gafanhoto. O salto mais alto possível para também contemplar as coisas de cima. Seu apetite voraz de mundo é igualmente útil. A coletividade de nossas células é como a coletividade da nuvem que age como um corpo. Ela absorve e se alimenta do entorno, se deixa permear, atravessar, mas retoma a unidade anterior. A diferença é que sabemos quando parar e não asfixiamos o milharal. Sabemos que vamos precisar dele novamente, então deixamos os brotos para crescer. Essa justeza, precisamos ter; do gafanhoto, não a podemos exigir.



Vista Oeste 2, Projeto "Estações", 2012/2013

Finalmente, o lampejo do vaga-lume. O que o faz especial? Faz luz! Ilumina o mundo enquanto alumina-se a si próprio. Há criaturinha mais incrível do que essa? Poucas, poucas tanto quanto. Estamos diante de um animal que não apenas persegue a luz, mas possui a capacidade de acumulá-la dentro de si. Aprendeu, ou desejou tanto parecer com sua fonte de atração que acabou virando ele mesmo atração e fonte. Nossos olhos abrem sorrisos quando vemos um ponto de luz que dança no espaço. Como qualquer artista, parece fazer aquilo por diversão, para atrair o calor de nossos olhares, por aplausos. A grafia de seu nome já descreve sua anatomia e função. Uma metade para o movimento, a outra para gerar claridade. Da criança ao adulto, quem não teve vontade de ter uma lâmparina de vaga-lumes?

O mais interessante desse inseto é mesmo seu valor gregário, expansivo. Sua bioluminescência serve para a caça, para atrair o parceiro, para alertar o predador de seu sabor desagradável. Está sempre a transmitir e responder mensagens. Todos os insetos possuem seus meios de comunicação, mas a linguagem do vaga-lume parece-nos mais clara, lúcida. Não por sua visibilidade óbvia, mas por ser pulsante. Os estalos faiscados são intercalados pela escuridão, pela espera. Há muito o que refletir nesse fenômeno. Acompanhar o voo de luz do animal é expor a imaginação a um jogo de lacunas. Quando pisca, o localizamos; até piscar novamente tentamos adivinhar onde esse novo lampejo se dará. Fazemos uma trajetória cega de antecipação e nos recompensamos quando prevemos o futuro. Se estamos em campo aberto, podendo estender esse jogo por mais tempo e acertando, chegamos a inverter a relação de guiados a guidores, cavalcando seu lombo no hífen. Ele piscará quando desejarmos, ao comando do chicote. Nesse curto estalo, cabe

um universo, e uma enorme quantidade de imagens criadoras podem surgir, com suas ignições ocorrendo do lado de fora pelo estímulo de um alucinado farol. Outra possibilidade é imaginar o espaço tracejado de neon, como se sua luz fosse ininterrupta. Borrões, linhas mais nítidas, novelos e clarões se dão em nossa câmera mental, em que reajustamos tempo de exposição e disparos para o surgimento de enquadramentos dinâmicos. Desenharíamos o ar se fosse possível. Investimos muito para ter uma imagem fugaz, de escala subatômica; porém, mais uma vez, recoberta em precisão e intencionalidade. Há algo *vaga-lume* neste trecho de Benjamin ao recordar suas reminiscências de infância, ao contemplar a jaula da lontra em dias chuvosos:

*E assim, amiúde, deixava-me ficar numa espera infindável em frente daquela profundidade escura e insondável a fim de descobrir a lontra nalgum ponto. Se, por fim, conseguia, certamente era apenas por um momento, pois logo o reluzente habitante daquela cisterna sumia de novo para dentro da noite aquosa.*³

Um homem transmutado é um homem que tem dor. Alegria também. Porém neste momento é ela quem late. Sinto-me Teseu. Adentrei o labirinto em busca de redenção, em busca do irresistível desconhecido. Em seu interior descobri que não havia motivo para temer o touro, ele apenas me convidava para uma dança. Perigosa, mas ainda assim uma dança. Executamos giros agressivos, fatais, mas de beleza plástica equivalente. Tentamos a mais improvável das manobras, a fusão. Através da sucessão de passes eróticos, de façanhas sobrenaturais, expus-me às torções da criação com a intenção de autoconsumir-me e ressurgir amalgamado a materiais misteriosos. Saio Minotauro. Fui *torero* e fera em meu trampolim de perigos. Aprendi o valor da união de

contrários, da fâsca resultante do atrito de aparentes contradições, e concludo meu bailado de morte, minha *corrida* amorosa, não sacrificando meu parceiro, mas incorporando-o. Na estocada final penetrei a espada tão fundo que, ao molhar os dedos, recordei que também sou besta, mas impregnada de ternura.

Daí advém o poder da Arte. Seu auxílio colossal a quem precisa fazê-la. Pois sintetiza a existência. Ajuda-nos a aceitar as desfigurações da impermanência, ao mesmo tempo que oferece a oportunidade de erigir um mundo em que podemos permanecer e não perecer. A Arte é o exercício de se chegar a um acordo com todas as coisas. Uma tentativa de ajuste, uma afinação, que como consequência povoa o mundo de objetos, conceitos e sentidos. Mas é crucial ter em mente que essas resultantes têm arestas imprecisas, não se ajustam diretamente umas às outras, mas ainda assim complementam-se. E nunca oferecerão uma explicação, um apaziguamento satisfatório. Pois nascem em nossas mitologias pessoais, em planos de imanência particulares, pelos cortes do acaso. Ao alinhar essas lacunas, aproximando as fendas, estabelecemos um novo relevo, tornando nossa topografia mais rica. Esse brocado se dá pelo sonho, pelo excesso, pelo misticismo, pelo convívio sem reprovação com a infância.

O retorno a condições de vida mais simplificadas, mais ajustadas à monotonia, ao repouso atrativo, ao invisível foi o meio de assegurar esse estado. Meio de conduzir em direção ao infinito o casco de embarcação invertido que habito. Nele, rumei cada dia para uma direção, acompanhado por um guia diferente, seguindo o fluxo dos elementos e da Natureza. Trilhando caminhos que não me levaram a ponto determinado algum, mas ao importante e humilde entendimento do recomeço. Ao *satori* mais uma vez. Andamos em raios concêntri-

cos, alargando nossos pensamentos gradualmente cada vez que reconhecemos o molde de uma pegada anterior aprofundada pela intersecção da pisada de um indivíduo mais experiente, que por sua vez também está por expandir sua própria circunferência. Se necessário for, devemos aceitar bifurcações, apropriarmo-nos da linha do outro, tomá-la para nós e acolher o risco, mesmo que isso aparentemente nos distancie daquilo que julgamos ser central. Caso enganados, podemos até ser obrigados ao retorno, mas ao menos teremos buscado a origem das coisas onde elas ocorrem; pelo meio, rasuradas, perdidas, em sua urgência. Sem essa resignação, resistimos muito pouco; porém, quanto mais a aceitamos, mais atraente a jornada se apresenta.

Ah... ia esquecendo a Esperança...

NOTAS

- 1 Deleuze, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2005:119.
- 2 Thoreau, H.D. *Walden – A vida nos bosques*. São Paulo: Global Editora, 1984: 92.
- 3 Benjamin, Walter. *Obras escolhidas*, v II, *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1993:93.

Carlos Eduardo Felix da Costa (Cadu) é artista com pós-doutorado em andamento em artes visuais na UFRJ, orientado pelo professor doutor Carlos Alberto Murad. Em 2008 foi artista visitante na Universidade de Plymouth a convite do Arts Council (RU). Vencedor do Prêmio Pipa em 2013. Em 2014 contemplado com residência artística na Residency Unlimited (NY) e artista participante dos projetos Plataforma Atacama (Chile) e InSite (México).